

SOCIOLOGIA



1



SISTEMA
DE ENSINO



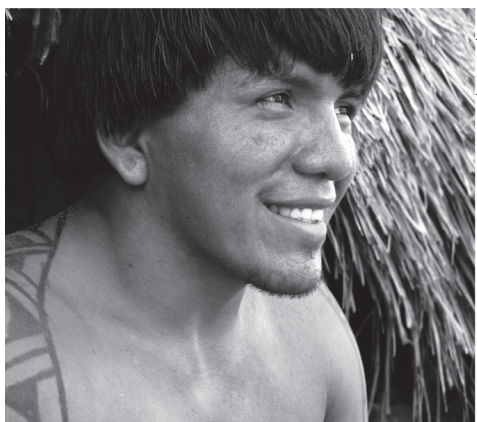
SOCIOLOGIA

Volume 1 - 1ª Edição

Goiânia
AP360° EDUCACIONAL
2019

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO À SOCIOLOGIA	07
O INDIVÍDUO E A SOCIEDADE	07
APRENDER COM O SEMELHANTE	08
A CULTURA DA FAMÍLIA HIGH TECH	09
O SEMELHANTE NÃO TEM COR E NEM RAÇA	13
CULTURA E SOCIEDADE	13
A CULTURA SEGUNDO ALGUNS FILÓSOFOS	14
A CULTURA E A ANTROPOLOGIA	16
EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO	16
GABARITO	22



O INDIVÍDUO E A SOCIEDADE



“O homem é um ser social por natureza.” (Aristóteles)

A afirmação de Aristóteles, dita há muitos séculos atrás, soa até hoje como uma afirmação enigmática, pois nos chama a atenção para o aspecto humano mais importante: **o ser humano que precisa do outro para o seu processo de amadurecimento enquanto pessoa**. Talvez sejamos a única espécie que precisa passar pelo processo de aprendizagem para o seu desenvolvimento.

O fato é que não somos seres **solipsistas**, lançados no mundo e abandonados ao sabor das nossas necessidades, sejam eles materiais ou existenciais. Fato é que não nos bastamos a nós mesmos e não ficamos relegados aos nossos próprios caprichos. Porém, contraditoriamente, nunca fomos tão individualistas quanto somos na atual sociedade em que vivemos. E são tantos os fatores que contradizem a afirmação aristotélica de que somos seres, essencialmente, sociais. Aristóteles chega a afirmar que existe uma tendência natural no ser humano que é procurar a felicidade na convivência social. Essa representa para ele a mais digna e elevada existência humana.

Carlos Rodrigues Brandão (O que é Educação) é enfático, ao mostrar como os gregos concebiam a importância da formação para a vida em sociedade. Assim afirma ele: “Os gregos ensinam o que hoje esquecemos. A educação do homem existe por toda parte e, muito mais do que a escola, é o resultado da ação de todo o meio sociocultural sobre os seus participantes. É o exercício de viver e conviver o que educa. E a escola de qualquer tipo é apenas um lugar e um momento provisórios onde isto pode acontecer. Portanto, é a comunidade quem responde pelo trabalho de fazer com que tudo o que pode ser vivido-e-aprendido da cultura seja ensinado com a vida — e também com a aula — ao educando”. Podemos concluir, a partir dessa citação que se é verdade que somos seres sociais por excelência, também o é o fato de aprendermos coletivamente. A busca humana, portanto, pela sua realização como pessoa, é coletiva porque a sua felicidade depende da convivência com o outro.

A sociologia é uma ciência que estuda a sociedade e, como toda ciência, segue os passos do método científico. Como disciplina científica surgiu no início do século XIX, como uma resposta acadêmica para o novo desafio da modernidade: o mundo estava se tornando cada vez menor e mais integrado, a consciência das pessoas sobre o mundo estava aumentando e dispersando. Os sociólogos não só esperavam entender o que mantinha os grupos sociais unidos, mas desenvolver um “antídoto” para a desintegração social. É ciência que “prevê para prover”, segundo Auguste Comte.

APRENDER COM O SEMELHANTE

Aprender com o semelhante atesta a necessidade da convivência humana para desenvolvermos a nossa sociabilidade, visto que esse processo é fundamental para o amadurecimento das características humanas através do processo de aprendizagem.

John Locke, no século XVII, no livro “Ensaio sobre o entendimento humano”, reflete sobre uma tese aristotélica de que o ser humano seria uma espécie de **tabula rasa**, segundo a qual o indivíduo nasce destituído de qualquer conhecimento, sendo esse o resultado da experiência. A experiência, então, é fundamental para o aprimoramento do ser humano.

Esse aprimoramento só é possível graças à convivência humana que acontece na experiência com o outro ou no grupo, sendo vista na troca de informações, na partilha de habilidades, na transmissão de costumes de uma geração para outra e, principalmente, na formação cultural de um dado povo ou sociedade.

TEXTO COMPLEMENTAR

AS MENINAS LOBO

Na Índia, onde os casos de meninos-lobos foram relativamente numerosos, descobriram-se, em 1920, duas crianças, Amala e Kamala, vivendo no meio de uma família de lobos. A primeira tinha um ano e meio e veio a morrer um ano mais tarde. Kamala, de oito anos de idade, viveu até 1929. Não tinham nada de humano e seu comportamento era exatamente semelhante àquele de seus irmãos lobos.

Elas caminhavam de quatro patas apoiando-se sobre os joelhos e cotovelos para os pequenos trajetos e sobre as mãos e os pés para os trajetos longos e rápidos.

Eram incapazes de permanecer de pé. Só se alimentavam de carne crua ou podre, comiam e bebiam como os animais, balançando a cabeça para frente e lambendo os líquidos. Na instituição onde foram recolhidas, passavam o dia acobruhadas e prostradas numa sombra; eram ativas e ruidosas durante a noite, procurando fugir e uivando como lobos. Nunca choraram ou riram. Kamala viveu durante oito anos na instituição que a acolheu, humanizando-se lentamente. Ela necessitou de seis anos para aprender a andar e pouco antes de morrer só tinha um vocabulário de cinquenta palavras. Atitudes afetivas foram aparecendo aos poucos. Ela chorou pela primeira vez por ocasião da morte de Amala e se apegou lentamente às pessoas que cuidaram dela e às outras crianças com as quais conviveu.

A sua inteligência permitiu-lhe comunicar-se com outros por gestos, inicialmente, e depois por palavras de um vocabulário rudimentar, aprendendo a executar ordens simples.



(Cit. Filosofando: introdução à Filosofia. Lucia de Arruda Aranha, Maria).

A CULTURA DA FAMÍLIA HIGH TECH

A **Família High Tech** tem se firmado como antítese dessa sociabilidade da qual nos fala o grande filósofo da antiguidade grega. Porque percebemos que o uso da tecnologia tem formado **ilhas urbanas**. A sensação de viver debaixo do mesmo teto, mas com a sensação da solidão e da ausência do contato **visceral** com os membros da família. Talvez seja esse um dos fatores que tenham transformado a família como ninho em família como um nó.

É oportuno lembrar, aqui, do livro “Discurso sobre a servidão voluntária” de Etienne de La Boétie que, na sua época, exortava seus contemporâneos quanto ao risco de servirem voluntariamente a quem os oprimia, privando-os da liberdade e da autonomia. No trecho do livro, La Boétie afirma que “digno de espanto, se bem que vulgaríssimo, e tão doloroso quanto impressionante, é ver milhões de homens a servir, miseravelmente curvados ao peso do jugo, esmagados não por uma força muito grande, mas aparentemente dominados e encantados apenas pelo nome de um só homem cujo poder não deveria assustá-los, visto que é um só, e cujas qualidades não deveriam prezar porque os trata desumana e cruelmente (...) Tal é a fraqueza humana: temos frequentemente de nos curvar perante a força, somos obrigados a contemporizar, não podemos ser sempre os mais fortes (...) Que nome se deve dar a esta desgraça? Que vício, que triste vício é este: um número infinito de pessoas não a obedecer, mas a servir, não governadas mas tiranizadas, sem bens, sem pais, sem vida a que possam chamar sua? Suportar a pilhagem, as luxúrias, as crueldades, não de um exército, não de uma horda de bárbaros, contra os quais dariam o sangue e a vida, mas de um só?”.

Se a tecnologia nos retira o espaço da convivência humana e se de forma impositiva não nos dá opções de convivência, de liberdade de escolha, então podemos contextualizar a tese de La Boétie com os problemas que nos afligem hoje. Caberia, por exemplo, perguntar quantas horas uma criança passa de frente à televisão ou quantas horas um adolescente conseguiria ficar longe do seu celular. Lembro-me de uma cena que tanto me chamou a atenção. Uma família chega para almoçar em um restaurante: o pai com o notebook, a mãe com o celular e os filhos, cada um, com o seu tablet. Durante mais de duas horas poucas palavras foram trocadas, pouco diálogo. O que representou o almoço? Qual foi o real significado de estarem ali, juntos para um momento tão familiar? Parece mesmo que vivemos a era da **Família High Tech** na qual não se tem mais tempo para a convivência familiar.



Como os meios de comunicação são um dos veículos que mais exercem influência no comportamento dos indivíduos – formando valores, hábitos – é uma pena que os programas de televisão tenham muito mais foco no consumismo do que no aspecto da formação social, principalmente, nos horários nobres. Talvez a televisão cumprisse muito mais o seu papel social, colocando, em horário nobre, programa de cunho formativo e cultural.

TEXTO COMPLEMENTAR

MAS O QUE VEM A SER ISTO, AFINAL?

Que nome se deve dar a esta desgraça? Que vício, que triste vício é este: um número infinito de pessoas não a obedecer, mas a servir, não governadas mas tiranizadas, sem bens, sem pais, sem vida a que possam chamar sua? Suportar a pilhagem, as luxúrias, as crueldades, não de um exército, não de uma horda de bárbaros, contra os quais dariam o sangue e a vida, mas de um só? Não de um Hércules ou de um Sansão, mas de um só indivíduo, que muitas vezes é o mais covarde e mulherengo de toda a nação, acostumado não tanto à poeira das batalhas como à areia dos torneios, menos dotado para comandar homens do que para ser escravo de mulheres?

Chamaremos a isto covardia? Temos o direito de afirmar que todos os que assim servem são uns míseros covardes?

É estranho que dois, três ou quatro se deixem esmagar por um só, mas é possível; poderão dar a desculpa de lhes ter faltado o ânimo. Mas quando vemos cem ou mil submissos a um só, não podemos dizer que não querem ou que não se atrevem a desafiá-lo.

Como não é covardia, poderá ser desprezo, poderá ser desdém? Quando vemos não já cem, não já mil homens, mas cem países, mil cidades e um milhão de homens submeterem-se a um só, todos eles servos e escravos, mesmo os mais favorecidos, que nome é que isto merece? Covardia?

Ora todos os vícios têm naturalmente um limite além do qual não podem passar. Dois podem ter medo de um, ou até mesmo dez; mas se mil homens, se um milhão deles, se mil cidades não se defendem de um só, não pode ser por covardia.

A covardia não vai tão longe, da mesma forma que a valentia também tem os seus limites: um só não escala uma fortaleza, não defronta um exército, não conquista um reino.

Que vício monstruoso então é este que sequer merece o nome vil de covardia? Que a natureza nega ter criado, a que a língua se recusa nomear?

Disponham-se de um lado cinquenta homens armados e outros tantos de outro lado; ponham-se em ordem de batalha, prontos para o combate, sendo uns livres e lutando pela liberdade, enquanto os outros tentam arrebatá-la dos primeiros: a quais deles, por conjectura, se atribui a vitória? Quais deles irão para a luta com maior entusiasmo: os que, em recompensa deste trabalho receberão o prêmio de conservar a liberdade ou os que, dos golpes que derem ou receberem, esperam tão somente a servidão?

Os primeiros têm constantemente diante dos olhos a felicidade de sua vida passada, a esperança de no porvir a poderem conservar. Preocupa-os menos o que têm de sofrer no decurso da batalha do que tudo o que vão ter de suportar eles, os filhos e toda a posteridade. Os outros nada têm que os anime, a não ser um pouco de cobiça que é insuficiente para protegê-los do perigo e tão pouco ardente que não tardará a extinguir-se logo que derramem as primeiras gotas de sangue.

Nas muito famosas batalhas de Milcíades, Leônidas e Temístocles, travadas há já dois mil anos e que permanecem tão frescas na memória dos livros e dos homens como se tivessem acontecido ontem, nessas batalhas travadas na Grécia para bem da Grécia e exemplo do mundo inteiro, donde terá vindo aos gregos escassos não digo o poder mas o ânimo para se oporem à força de navios tão numerosos que mal cabiam no mar? E para desbaratarem nações tão numerosas que em toda a armada grega não se achariam soldados que chegassem para preencherem, se tal fosse mister, os postos de comandantes desses navios?

É que, em boa verdade, o que estava em causa nesses dias gloriosos não era tanto a luta entre gregos e persas como a vitória da liberdade sobre a dominação, da razão sobre a cupidez.

Quantos prodígios temos ouvido contar sobre a valentia que a liberdade põe no coração dos que a defendem!

Mas o que acontece afinal em todos os países, com todos os homens, todos os dias?

Quem, só de ouvir contar, sem o ter visto, acreditaria que um único homem tenha logrado esmagar mil cidades, privando-as da liberdade?

Se casos tais acontecessem apenas em países remotos e outros no-los contassem, quem não diria que era tudo invenção e impostura?

Ora o mais espantoso é sabermos que nem sequer é preciso combater esse tirano, não é preciso defendermo-nos dele.

Ele será destruído no dia em que o país se recuse a servi-lo.

Não é necessário tirar-lhe nada, basta que ninguém lhe dê coisa alguma.

Não é preciso que o país faça coisa alguma em favor de si próprio, basta que não faça nada contra si próprio.

São, pois, os povos que se deixam oprimir, que tudo fazem para serem esmagados, pois deixariam de ser no dia em que deixassem de servir.

É o povo que se escraviza, que se decapita, que, podendo escolher entre ser livre e ser escravo, se decide pela falta de liberdade e prefere o jugo, é ele que aceita o seu mal, que o procura por todos os meios.

Se fosse difícil recuperar a liberdade perdida, eu não insistiria mais; haverá coisa que o homem deva desejar com mais ardor do que o retorno à sua condição natural, deixar, digamos, a condição de alimária e voltar a ser homem?

Mas não é essa ousadia o que eu exijo dele; limito-me a não lhe permitir que ele prefira não sei que segurança a uma vida livre.

Que mais é preciso para possuir a liberdade do que simplesmente desejá-la?

Se basta um ato de vontade, se basta desejá-la, que nação há que a considere assim tão difícil?

Como pode alguém, por falta de querer, perder um bem que deveria ser resgatado a preço de sangue? Um bem que, uma vez perdido, torna, para as pessoas honradas, a vida aborrecida e a morte salutar?

Veja-se como, ateadado por pequena fagulha, acende-se o fogo, que cresce cada vez mais e, quanto mais lenha encontra, tanta mais consome; e como, sem se lhe despejar água, deixando apenas de lhe fornecer lenha a consumir, a si próprio se consome, perde a forma e deixa de ser fogo.

Assim são os tiranos: quanto mais eles roubam, saqueiam, exigem, quanto mais arruínam e destroem, quanto mais se lhes der e mais serviços se lhes prestarem, mais eles se fortalecem e se robustecem até aniquilarem e destruírem tudo. Se nada se lhes der, se não se lhe obedecer, eles, sem ser preciso luta ou combate, acabarão por ficar nus, pobres e sem nada; da mesma forma que a raiz, sem umidade e alimento, se torna ramo seco e morto.

Os audazes, para que obtenham o que procuram, não receiam perigo algum, os avisados não recusam passar por problemas e privações. Os covardes e os preguiçosos não sabem suportar os males nem recuperar o bem. Deixam de desejá-lo e a força para o conseguirem lhes é tirada pela covardia, mas é natural que neles fique o desejo de o alcançarem. Esse desejo, essa vontade, são comuns aos sábios e aos indiscretos, aos corajosos e aos covardes; todos eles, ao atingirem o desejado, ficam felizes e contentes.

Numa só coisa, estranhamente, a natureza se recusa a dar aos homens um desejo forte. Trata-se da liberdade, um bem tão grande e tão aprazível que, perdida ela, não há mal que não sobrevenha e até os próprios bens que lhe sobrevivam perdem todo o seu gosto e sabor, corrompidos pela servidão.

A liberdade é a única coisa que os homens não desejam; e isso por nenhuma outra razão (julgo eu) senão a de que lhes basta desejá-la para a possuírem; como se recusassem conquistá-la por ela ser tão simples de obter.

Gentes miserandas, povos insensatos, nações apegadas ao mal e cegas para o bem!

Assim deixais que vos arrebatem a maior e melhor parte das vossas riquezas, que devastem os vossos campos, roubem as vossas casas e vo-las despojem até das antigas mobílias herdadas dos vossos pais!

A vida que levais é tal que (podeis afirmá-lo) nada tendes de vosso.

Mas parece que vos sentis felizes por serdes senhores apenas de metade dos vossos haveres, das vossas famílias e das vossas vidas; e todo esse estrago, essa desgraça, essa ruína provém afinal não dos seus inimigos, mas de um só inimigo, daquele mesmo cuja grandeza lhe é dada só por vós, por amor de quem marchais corajosamente para a guerra, por cuja grandeza não recusais entregar à morte as vossas próprias pessoas.

Esse que tanto vos humilha tem só dois olhos e duas mãos, tem um só corpo e nada possui que o mais ínfimo entre os ínfimos habitantes das vossas cidades não possua também; uma só coisa ele tem mais do que vós e é o poder de vos destruir, poder que vós lhe concedestes.

Onde iria ele buscar os olhos com que vos espia se vós não lho desseis?

Onde teria ele mãos para vos bater se não tivesse as vossas?

Os pés com que ele esmaga as vossas cidades de quem são senão vossos?

Que poder tem ele sobre vós que de vós não venha?

Como ousaria ele perseguir-vos sem a vossa própria conviência?

Que poderia ele fazer se vós não fôsseis encobridores daquele que vos rouba, cúmplices do assassino que vos mata e traidores de vós mesmos?

Semeais os vossos frutos para ele pouco depois calcar aos pés. Recheais e mobiliais as vossas casas para ele vir saqueá-las, criais as vossas filhas para que ele tenha em quem cevar sua luxúria.

Criais filhos a fim de que ele, quando lhe apetecer, venha recrutá-los para a guerra e conduzi-los ao matadouro, fazer deles acólitos da sua cupidez e executores das suas vinganças.

Matai-vos a trabalhar para que ele possa regalar-se e refestelar-se em prazeres vis e imundos.

Enquanto vós definhais, ele vai ficando mais forte, para mais facilmente poder refrear-vos.

E de todas as ditas indignidades que os próprios brutos, se as sentissem, não suportariam, de todas podeis libertar-vos, se tentardes não digo libertar-vos, mas apenas querer fazê-lo.

Tomai a resolução de não mais servirdes e sereis livres. Não vos peço que o empurreis ou o derrubeis, mas somente que o não apoieis: não tardareis a ver como, qual Colosso descomunal, a que se tire a base, cairá por terra e se quebrará.

Os médicos aconselham a não se tocar com a mão nas chagas incuráveis; não é, pois, sensato que eu dê conselhos a um povo que há muito perdeu a consciência e cuja doença, uma vez que ele já não sente dor, é evidentemente mortal. Temos, antes, de procurar saber como esse desejo teimoso de servir se foi enraizando a ponto de o amor à liberdade parecer coisa pouco natural.

Antes demais, eu creio firmemente que, se nós vivêssemos de acordo com a natureza e com os seus ensinamentos, seríamos naturalmente obedientes ao país, submissos à razão e de ninguém escravos.

Todos os homens, por si próprios, sem outro conselho que não seja o da natureza, guardam obediência ao pai e à mãe; quanto à razão, discutem muito os acadêmicos e todas as escolas filosóficas se ela nasce ou não conosco.

De momento penso não errar se crer que há na nossa alma uma semente natural de razão, a qual, se cultivada com bons conselhos e bons costumes, floresce em virtude; se, pelo contrário, é atacada pelos vícios, morre de asfixia e aborta.

Uma coisa é claríssima na natureza, tão clara que a ninguém é permitido ser cego a tal respeito, e é o fato de a natureza, ministra de Deus e governanta dos homens, nos ter feito todos iguais, com igual forma, aparentemente num mesmo molde, de forma a que todos nos reconhecêssemos como companheiros ou mesmo irmãos.

Ao fazer as partilhas dos dons que nos legou, deu, mais a uns do que a outros, certos dons corporais e espirituais; mas é igualmente certo que não pretendeu pôr-nos neste mundo como em campo fechado, nem deu aos mais fortes e aos mais avisados ordem para, quais salteadores emboscados no mato e armados, dizimarem os mais fracos.

É de crer, isso sim, que, favorecendo alguns e desfavorecendo outros, pretendia dar lugar à fraterna afeição, dar-lhes meios de se manifestar, pois se a uns assiste o poder de ajudar, os outros tinham necessidade de ser ajudados.

Esta boa mãe deu-nos a todos a terra para nela morarmos, albergou-nos a todos numa mesma casa, moldou-nos a todos numa mesma massa, para assim todos podermos mirar-nos e reconhecer-nos uns nos outros; a todos em comum outorgou o grande dom da voz e da palavra para sermos mais amigos e mais irmãos e, pela comum e mútua declaração dos nossos pensamentos, estabelecermos a comunhão de nossas vontades.

E pois ela buscou por todos os meios apertar e estreitar mais fortemente os nós da nossa aliança e sociedade, e por todas as formas mostrou mais desejar ver-nos unidos do que unos, não há dúvida de que somos todos companheiros e ninguém poderá jamais admitir que a natureza, integrando-nos a todos numa sociedade, tenha destinado uns para escravos.

Não importa verdadeiramente discutir se a liberdade é natural, provado que esteja ser a escravidão uma ofensa para quem a sofre e uma injúria à natureza que em tudo quanto faz é razoável.

Não há dúvidas, pois, de que a liberdade é natural e que, pela mesma ordem e de idéias, todos nós nascemos não só senhores da nossa alforria mas também com condições para a defendermos.

Se acaso pusermos isso em dúvida e descermos tão baixo que não sejamos capazes de reconhecer qual o nosso direito e as nossas qualidades naturais, vou ter de vos tratar como mereceis e por os próprios animais a dar-vos lições e a ensinar-vos qual é vossa verdadeira natureza e condição.

Só quem for surdo não ouve o que dizem os animais: viva a liberdade! Muitos deles morrem quando os apanham. Como o peixe que, fora da água, perde a vida, também outros animais se negam a viver sem a liberdade que lhes é natural.

(Discurso Sobre a Servidão Voluntária Etienne de La Boétie)

O SEMELHANTE NÃO TEM COR E NEM RAÇA

Vimos, anteriormente, que é na relação social que o ser humano desenvolve a sua sociabilidade. É impossível pensarmos em uma sociedade sem relações sociais ou relações sociais destituídas de um significado social.

As relações sociais pressupõem interação entre os indivíduos, contato, convívio e principalmente aprendizagem. Esse convívio social coloca-nos diante do cerne sociológico quanto à questão mais importante para uma sociedade que é a construção mútua de valores humanísticos tais como: respeito, tolerância, aceitação das diferenças e a valorização da dignidade humana. Fatores tão ausentes na sociedade atual, onde predominam o preconceito, a discriminação e o desrespeito aos direitos.

TEXTO COMPLEMENTAR

"CÁRCERES" SEM GRADES

O isolamento social pode ser imposto pela sociedade a uma pessoa ou a um grupo de pessoas por meio de diversos mecanismos. Um deles, como vimos, é a segregação — racial, religiosa, social, ou outra qualquer. O texto a seguir aborda mecanismos mais sutis de isolamento: os "cárceres" que cerceiam a liberdade e outros direitos fundamentais, negando-os ao grupo segregado. Alguns desses "cárceres" não têm grades, mas funcionam como verdadeiras prisões, nas quais se inspiram.

Na longa história da humanidade, em centenas de países, milhares de pessoas foram encarceradas e submetidas a condições extremadas de maus-tratos. Os aprisionados mais comuns são os criminosos, aqueles que cometeram desde pequenos furtos até assassinatos. Mas há também aqueles que são encarcerados pelos chamados "crimes" de opinião — os presos políticos e os perseguidos por opção religiosa.

A sociedade contemporânea também criou outros tipos de "encarcerados": são os idosos carentes recolhidos em asilos, sem o direito à individualidade e o de realizar escolhas. Há ainda os deficientes físicos, que, principalmente por razões de natureza socioeconômica, ficam presos em seus quartos. Também não são livres os doentes mentais e os doentes internados em hospitais por longos períodos, nem são livres as crianças abandonadas, recolhidas em creches e abrigos.

A ideia do "cárcere" aplica-se igualmente às pessoas muito exploradas no seu trabalho, aquelas que vão para casa apenas para dormir, passando o restante de seu tempo em seus empregos, sem lazer, diversão e educação.

Não seriam também prisioneiras as pessoas que transformaram suas casas em verdadeiras fortalezas para se defender dos invasores e sequestradores? E também é possível aplicar a metáfora da "prisão" às pessoas vítimas da ignorância, sem acesso à educação, impossibilitadas de romper com os limites intelectuais a que estão submetidas?

Despojados de sua liberdade também estão povos como os palestinos, os curdos, os armênios e as mulheres de países onde vigora o fundamentalismo muçulmano, vítimas de violências e guerras que impedem até mesmo sua saída dos locais de conflitos.

(DIMENSTEIN, Gilberto e GIANANTI, Álvaro César Quebra-cabeça Brasil- Temas de cidadania na História do Brasil.)

CULTURA E SOCIEDADE

Os estudos sobre a relação entre a cultura e a sociedade são, relativamente, recentes na história da humanidade, embora tanto a cultura quanto a sociedade sejam fatores intrínsecos no desenvolvimento da história da humanidade.

Só com o desenvolvimento da Antropologia no século XIX é que foi possível uma compreensão mais aprofundada desse processo de formação social e de produção cultural. A Antropologia recente permitiu que muitos preconceitos fossem desfeitos e valores culturais tão diversos fossem respeitados. Podemos afirmar que graças ao desenvolvimento da Antropologia a convivência social se pautou um pouco pelo princípio do respeito às diversidades culturais. Esse desenvolvimento permitiu que leis fossem elaboradas e que programas educacionais fossem implementados. Claro que a luta pelo respeito às diferenças é ainda uma luta permanente e constante.



O Kuarup envolve mitos da criação da humanidade e a iniciação dos jovens



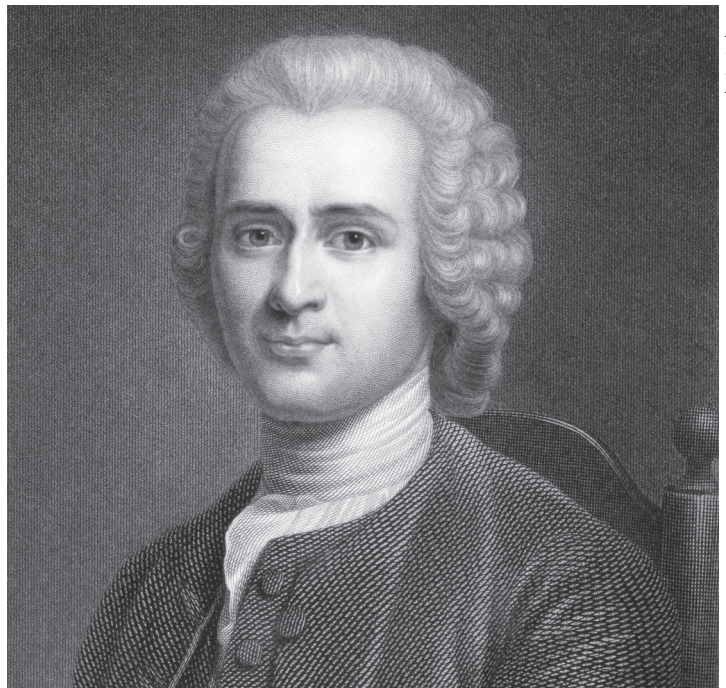
Após a primeira menstruação, as jovens índias ficam reclusas e aprendem tarefas caseiras. Elas só vão ver a luz do sol na festa do Kuarup, quando participam da dança que marca a iniciação para a fase adulta

Porém, antes do surgimento da Antropologia e das ciências afins, como é o caso da Sociologia, a cultura era estudada pelos filósofos que tentaram interpretar o comportamento dos indivíduos na sua relação com os grupos. Esses intelectuais e suas teorias, a partir do século XVIII, formavam um pensamento social que compreendia, de maneira mais lógica, a vida em sociedade e os aspectos simbólicos que decorriam da relação do homem com a natureza, com os grupos sociais e com o sobrenatural. Enfim, os pensadores tentavam estudar e compreender a formação cultural do ser humano e o seu desdobramento na sociedade.

A CULTURA SEGUNDO ALGUNS FILÓSOFOS

Quando buscamos na história da filosofia alguns conceitos sobre a cultura e sua relação com a sociedade, encontramos nas teorias de Jean-Jacques Rousseau um dos fundamentos dessa reflexão. Rousseau estava preocupado em estudar o ser humano a partir do seu processo civilizatório, tentando compreender o processo de inserção do indivíduo nessa nova página da história marcada pelo movimento das luzes.

Compreender o aspecto da bondade natural humana era, ao mesmo tempo, estudar a produção cultural desse indivíduo que estava inserido no contexto do progresso como sinônimo de evolução. Porém, o conceito de cultura para Rousseau – uma manifestação propriamente humana – não teria lugar nessa nova página da história porque, segundo esse pensador, a cultura representava a manifestação da bondade humana e para Rousseau o ser humano havia se degenerado com o advento do progresso, daí a sua afirmação: “o homem nasce bom e a sociedade o corrompe, nasce livre e encontra-se envolto em grades”.



Rousseau (séc. XVIII)

A ideia desenvolvida é a de que se o homem é bom por natureza, a cultura que dele decorre também o seria. Portanto, a bondade natural do homem e o conceito de cultura desenvolvido por Rousseau estariam na contramão do progresso civilizatório.

Constatamos que o conceito de cultura, segundo Rousseau — como a manifestação da bondade humana — não é apropriado para compreendermos a relação entre a cultura e a sociedade na Idade Contemporânea, pois comprovamos que os vestígios de bondade humana, na sociedade atual, tornaram-se escassos, assim como as demonstrações de cultura. O que nos leva a concluir que esse conceito se torna inócuo.

Assim como Rousseau, Voltaire também tentou estudar o comportamento humano e a sua relação com a cultura principalmente ao analisar o comportamento de outros povos. Essa análise de Voltaire foi de muita importância porque a partir daí ele desenvolveu o princípio da tolerância para fundamentar a ideia do respeito às diversidades. Porém, o conceito de cultura no pensamento de Voltaire se diferencia do conceito de cultura em Rousseau. Para este, paira uma antítese entre cultura e civilização. É como se o processo civilizatório retirasse do indivíduo a sua capacidade de manifestar a sua cultura, pois ela é a representação da bondade humana perdida pela corrupção causada pelo progresso.

Voltaire, ao contrário, não opera uma antítese entre cultura e civilização, mas coloca essa cultura como uma forma avaliativa do desenvolvimento de uma sociedade. A cultura seria o parâmetro para medir a evolução de uma determinada sociedade, sendo seu fundamento essencial a formação do conhecimento. Em outras palavras, Voltaire estabelece como base fundamental do processo cultural a aquisição do conhecimento e a formação intelectual porque, segundo ele, a razão humana é dinâmica na mesma proporção que o desenvolvimento da história da humanidade.

O conceito de Voltaire também não nos é útil para compreender a cultura na contemporaneidade porque, nesse viés, jamais iríamos considerar os povos iletrados como povos capazes de desenvolver cultura. Dessa forma, a cultura estaria restrita às sociedades desenvolvidas na ótica do conhecimento formal e científico.



Voltaire (*Tratado sobre a tolerância*)

TEXTO COMPLEMENTAR

Há muitos anos nos Estados Unidos, Virgínia e Maryland assinaram um tratado de paz com os índios das Seis Nações. Ora, como as promessas e os símbolos da educação sempre foram muito adequados a momentos solenes como aquele, logo depois os seus governantes mandaram cartas aos índios para que enviassem alguns de seus jovens às escolas dos brancos. Os chefes responderam agradecendo e recusando. A carta acabou conhecida porque alguns anos mais tarde Benjamin Franklin adotou o costume de divulgá-la aqui e ali. Eis o trecho que nos interessa:

"...Nós estamos convencidos, portanto, que os senhores desejam o bem para nós e agradecemos de todo o coração. Mas aqueles que são sábios reconhecem que diferentes nações têm concepções diferentes das coisas e, sendo assim, os senhores não ficarão ofendidos ao saber que a vossa ideia de educação não é a mesma que a nossa.

...Muitos dos nossos bravos guerreiros foram formados nas escolas do Norte e aprenderam toda a vossa ciência. Mas, quando eles voltavam para nós, eles eram maus corredores, ignorantes da vida da floresta e incapazes de suportarem o frio e a fome. Não sabiam como caçar o veado, matar o inimigo e construir uma cabana, e falavam a nossa língua muito mal. Eles eram, portanto, totalmente inúteis. Não serviam como guerreiros, como caçadores ou como conselheiros. Ficamos extremamente agradecidos pela vossa oferta e, embora não possamos aceitá-la, para mostrar a nossa gratidão oferecemos aos nobres senhores de Virgínia que nos enviem alguns dos seus jovens, que lhes ensinaremos tudo o que sabemos e faremos, deles, homens."

(Carlos Rodrigues Brandão – O que é Educação)

A CULTURA E A ANTROPOLOGIA

Somente com o desenvolvimento da Antropologia é que o termo cultura se tornou mais específico e com um significado mais amplo. De fato a antropologia parte do princípio de que a cultura é uma manifestação humana por excelência e esse é um dos fatores que diferencia o mundo humano do mundo animal. Podemos até ler em outras áreas do conhecimento, como na biologia ou na geografia física, o termo cultura sendo usado para se referir a uma espécie de planta ou animal, "essa árvore é uma cultura de tal região" ou ainda "essa cultura de rebanho é própria daquela região". Nesse caso o termo é usado no sentido etimológico, derivando daí expressões tais como: "cultivo do solo", "cultivo da planta", "cultura do leite", etc.

O termo cultura no sentido antropológico tem um significado específico, por isso, a partir da antropologia podemos afirmar que a cultura é o que diferencia os homens dos demais animais e que somente o homem é quem produz cultura, transformando a natureza e a si próprio, criando símbolos, crenças e hábitos. Através desses elementos, o ser humano manifesta a sua criatividade e os seus signos demonstrados na dança, na culinária e nos costumes que se diferenciam de uma região para outra, de um país para outro, assim por diante. Essa diversidade cultural comprova as diferenças culturais que precisam ser respeitadas e preservadas.

F EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01| Atitude emocionalmente condicionada que leva a considerar e julgar sociedades culturalmente diversas com critérios fornecidos pela própria cultura. Assim, compreende-se a tendência para menosprezar ou odiar culturas cujos padrões se afastam ou divergem dos da cultura do observador que exterioriza a atitude etnocêntrica. (...) Preconceito racial, nacionalismo, preconceito de classe ou de profissão, intolerância religiosa são algumas formas de etnocentrismo

Com base no texto e nos conhecimentos de sociologia, assinale a alternativa cujo discurso revela uma atitude etnocêntrica:

- A** A existência de culturas subdesenvolvidas relaciona-se à presença, em sua formação, de etnias que são respeitadas nas suas diferenças.
- B** Os povos indígenas possuem um acúmulo de saberes que foram preservados.
- C** As culturas diferentes devem primar pela tolerância e pela compreensão dos valores.
- D** As culturas podem conviver de forma democrática.
- E** O encontro entre diferentes culturas gerou uma dominação de uma cultura sobre a outra.

02 | “A casa não é destinada a morar, o tecido não é disposto a vestir,

O pão ainda é destinado a alimentar: ele tem de dar lucro.

Mas se a produção apenas é consumida, e não é também vendida

Porque o salário dos produtores é muito baixo – quando é aumentado

Já não vale mais a pena mandar produzir a mercadoria –, por que

Alugar mãos? Elas têm de fazer coisas maiores no banco da fábrica

Do que alimentar seu dono e os seus, se é que se quer que haja

Lucro! Apenas: para onde com a mercadoria? A boa lógica diz:

Lã e trigo, café e frutas e peixes e porcos, tudo junto

É sacrificado ao fogo, a fim de aquecer o deus do lucro!

Montanhas de maquinaria, ferramentas de exércitos em trabalho,

Estaleiros, altos-fornos, lanifícios, minas e moinhos:

Tudo quebrado e, para amolecer o deus do lucro, sacrificado!

De fato, seu deus do lucro está tomado pela cegueira.

As vítimas

Ele não vê.

[...] As leis da economia se revelam

Como a lei da gravidade, quando a casa cai em estrondos Sobre as nossas cabeças. Em pânico, a burguesia atormentada Despedaça os próprios bens e desvaira com seus restos

Pelo mundo afora em busca de novos e maiores mercados. (E pensando evitar a peste alguém apenas a carrega consigo, empestando Também os recantos onde se refugia!) Em novas e maiores crises

A burguesia volta atônita a si. Mas os miseráveis, exércitos gigantes, Que ela, planejadamente, mas sem planos, arrasta consigo, Atirando-os a saunas e depois de volta a estradas geladas,

Começam a entender que o mundo burguês tem seus dias contados Por se mostrar pequeno demais para comportar a riqueza que ele próprio criou.”

(BRECHT, Bertolt. O manifesto. Crítica marxista, São Paulo, n. 16, p.116, mar. 2003.)

Os versos anteriores fazem parte de um poema inacabado de Brecht (1898-1956) numa tentativa de versificar O manifesto do partido comunista de Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895). De acordo com o

poema e com os conhecimentos da teoria de Marx sobre o capitalismo, é correto afirmar que, na sociedade burguesa, as crises econômicas e políticas, a concentração da renda, a pobreza e a fome são:

- A** Oriundos da inveja que sentem os miseráveis por aqueles que conseguiram enriquecer.
- B** Frutos da má gestão das políticas públicas.
- C** Inerentes a esse modo de produção e a essa formação social.
- D** Frutos do egoísmo próprio ao homem e que poderiam ser resolvidos com políticas emergenciais.
- E** Fenômenos característicos das sociedades humanas desde as suas origens.

03 | “Preconceito racial, nacionalismo, preconceito de classe ou de profissão, intolerância religiosa são algumas formas de etnocentrismo”.

Com base no texto e nos conhecimentos de sociologia, assinale a alternativa cujo discurso revela uma atitude etnocêntrica:

- A** A existência de culturas subdesenvolvidas relaciona-se à presença, em sua formação, de etnias que são respeitadas nas suas diferenças.
- B** Os povos indígenas possuem um acúmulo de saberes que foram preservados.
- C** As culturas diferentes devem primar pela tolerância e pela compreensão dos valores.
- D** As culturas podem conviver de forma democrática.
- E** O encontro entre diferentes culturas gerou uma dominação de uma cultura sobre a outra.

04 | Analise e escolha a alternativa correta

- I. As práticas dos ‘civilizados’ expressam uma postura de relativismo cultural, pois os aspectos da cultura ameríndia são abordados em seu próprio contexto.
- II. A disposição de assimilar os ameríndios à ‘civilização’ é um sinal evidente de negação do direito à diferença cultural.
- III. Os ‘civilizados’ se propõem a estabelecer uma relação simétrica com a sociedade dos ameríndios.
- IV. Os ameríndios são vistos pelos ‘civilizados’ sobretudo pela ausência do que é natural para os próprios civilizados.

Estão corretas apenas as afirmativas:

- A** I e II.
- B** I e III.
- C** II e IV.
- D** I, III, IV.
- E** II, III, IV.

05| Observe os quadrinhos a seguir:



Fonte: HENFIL. Fradim. Rio de Janeiro: Codecri, [197-], p. 3.

Nos quadrinhos o cartunista faz uma ironia sobre a perspectiva adotada pelos ‘civilizados’ em relação aos ameríndios. Por intermédio dessa ironia, Henfil revela práticas contumazes dos ditos ‘civilizados’. Sobre essas práticas, analise as afirmativas a seguir.

- I. As práticas dos ‘civilizados’ expressam uma postura de relativismo cultural, pois os aspectos da cultura ameríndia são abordados em seu próprio contexto.
- II. A disposição de assimilar os ameríndios à ‘civilização’ é um sinal evidente de negação do direito à diferença cultural.
- III. Os ‘civilizados’ se propõem a estabelecer uma relação simétrica com a sociedade dos ameríndios.
- IV. Os ameríndios são vistos pelos ‘civilizados’ sobretudo pela ausência do que é natural para os próprios civilizados.

Estão corretas apenas as afirmativas:

- A I e II.
- B I e III.
- C II e IV.
- D I, III, IV.
- E II, III, IV.

06| A corrida de toras é comum entre alguns povos indígenas do Brasil. Os povos Krahô, habitantes da região central do país, por exemplo, realizam este ritual, que possui suas regras próprias. As toras, preparadas para a cerimônia, são oriundas de uma espécie de coqueiro considerado sagrado para este povo e, em sua preparação, cantos são entoados, assim como danças são realizadas.

Ao considerar a corrida de toras, é correto afirmar:

- A A corrida de toras é uma atividade que tem por característica as performances individuais e equivale diretamente a qualquer esporte em nossa sociedade como, por exemplo, uma competição de atletismo.
- B A corrida de toras é um ritual e interfere diretamente no cotidiano dos Krahô, apresentando um significado próprio, assim como um sistema de comunicação simbólica que pode transmitir seus conhecimentos e valores.
- C A corrida de toras é um ritual que não tem qualquer valor para os grupos indígenas, pois está dissociada do universo cerimonial que a envolve e apresenta apenas o caráter de competição.
- D A imposição de determinado valor a um ritual de outra cultura é um ato de relativismo cultural, pois desconsidera o que a cultura de origem tem a dizer a respeito de seus próprios ritos e impõe a sua visão de mundo aos demais.
- E A corrida de toras é um ritual e interfere diretamente no cotidiano dos Krahô e para a sociedade em geral porque ocorreu um respeito e a valorização da cultura indígena, apresentando um significado próprio, assim como um sistema de comunicação simbólica que pode transmitir seus conhecimentos e valores.

07| Quanto aos índios brasileiros, a partir dos estudos sociológicos já feitos e existentes hoje, está correto dizer que

- A estão em via de extinção posto serem culturas primitivas e atrasadas com relação à sociedade brasileira, daí se inviabilizarem como grupo social .
- B não há mais índios no país, posto que só existiriam índios quando da descoberta do Brasil e no período Colonial, quando pelas guerras, doenças e outros fatores advindo do contato com os colonizadores, vieram a se extinguir.
- C apesar das desigualdades sociais imensas que sofreram e sofrem, marginalizando-os, eles continuam presentes marcando, atualmente, muito melhor suas identidades e pertencimentos culturais específicos, abrindo e conquistando espaços políticos dentro da sociedade brasileira.
- D não mais existem índios no Brasil, pois que todos eles já entraram na sociedade brasileira, adquirindo os bens e serviços desta, daí não haver mais nenhuma cultura indígena pura, verdadeira, a qual possamos nos referir como legitimamente indígena.
- E Nenhuma das alternativas está correta.

08 | Leia o trecho da música Haiti, de Caetano Veloso e Gilberto Gil:
 Quando você for convidado pra subir no adro
 Da fundação casa de Jorge Amado
 Pra ver do alto a fila de soldados, quase todos pretos
 Dando porrada na nuca de malandros pretos
 De ladrões mulatos e outros quase brancos
 Tratados como pretos
 Só pra mostrar aos outros quase pretos
 (E são quase todos pretos)
 E aos quase brancos pobres como pretos
 Como é que pretos, pobres e mulatos
 E quase brancos quase pretos de tão pobres são tratados
 Assinale a alternativa correta.

- A** Não existe, na música, uma referência indireta ao haitianismo.
- B** A música faz referência a um processo de exclusão seletiva que atinge de forma mais gravosa a população negra.
- C** É possível afirmar que os processos de exclusão atingem, da mesma forma, brancos e negros.
- D** A alusão ao Haiti é para fazer contraposição à situação brasileira.
- E** O texto faz referência ao processo de miscigenação racial pela qual passa o Brasil.

No Brasil e em outros países, o etnocentrismo fundamentou muitas práticas etnocidas e genocidas, oficiais e não-oficiais, contra populações culturalmente distintas das de origem européia, cristã e ocidental, principalmente indígenas e africanas. Discriminação de etnia e de classe social também se inclui entre as formas de etnocentrismo.

09 | Com base no texto e nos conhecimentos sobre o tema, assinale a alternativa que apresenta uma interpretação contrária ao etnocentrismo.

- A** “Quando nos referimos a uma raça, não individualizamos tipos dela, tomamo-la em sua acepção mais lata. E assim procedendo vemos que a casta negra é o atraso; a branca o progresso, a evolução[...]” (Revista Brazil Médico, 1904.)
- B** “Esta Lei regula a situação jurídica dos índios ou silvícolas e das comunidades indígenas, com o propósito de preservar a sua cultura e integrá-los, progressiva e harmoniosamente, à comunhão nacional”. (Estatuto do Índio, Lei No 6001 de 19 de dezembro de 1973, Artigo 1º, ainda em vigor.)
- C** As sociedades humanas se desenvolvem por estádios ou estados que vão sendo superados sucessivamente: o estado teológico, o metafísico e o positivo. Os povos indígenas e as etnias afro-brasileiras encontram-se nos estádios teológico ou metafísico e, por essa razão, permanecem nos estratos sociais inferiores e marginais de nossa sociedade. (Baseado em Augusto Comte.)

D “[...]segundo o que até aqui escrevi acerca dos Coroados [Kaingang] dos Campos Gerais, é evidente que, no seu estado selvagem, são eles superiores em inteligência, indústria e previdência a muitos outros povos indígenas, e talvez até em beleza. Dada essa circunstância, dever-se-ia pôr todo o empenho em aproximá-los dos homens de nossa raça e, após, encorajar os casamentos mistos entre eles e os paulistas pobres [...]. Devo dizer, porém, que é mais fácil matar e reduzir os Coroados à escravidão, do que despender tais esforços em seu favor”. (Saint-Hilaire, V. E. Viagem à Comarca de Curitiba –1820.)

E “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais. 1- O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional”. (Constituição Federal de 1988 na Seção II – Da Cultura, Art. 215.)

10 | Sobre a cidadania no Brasil, assinale a alternativa correta.

- A** Durante o governo de Getúlio Vargas, entre 1930 e 1945, pela primeira vez, os direitos sociais foram universalizados, chegando a amplas parcelas da sociedade brasileira. Esse processo foi acompanhado pelo fortalecimento e pela autonomia das organizações operárias.
- B** Os Estatutos da Criança e do Idoso exemplificam as modificações recentes que a cidadania sofreu no contexto brasileiro, incorporando novas demandas ao seu conteúdo.
- C** A Constituição de 1988, apesar de ser denominada por muitos a Constituição Cidadã, não produziu mudanças legais significativas em termos de extensão dos direitos de cidadania.
- D** O Fórum Social Mundial resultou da iniciativa de alguns movimentos que se posicionam contra a atual ordem econômica globalizada, que tem restringido direitos sociais de cidadania até então assegurados por leis.
- E** A extensão dos direitos de cidadania às classes populares esteve, historicamente, sob o controle estriato das elites, já que não houve movimentos sociais capazes de questionar essa situação.

- A** VVFFF
- B** VFVVV
- C** FFFVV
- D** VVVFF
- E** FVVFV

A350°

